

Encontro de opostos

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Num encontro casual, ontem, no estúdio da TV Globo em Brasília, o deputado Delfim Neto e o prefeito Arthur Virgílio Neto conversaram descontraidamente sobre o momento nacional — este momento que vai de hoje até a posse do futuro presidente da República — e chegaram ao mesmo diagnóstico e a alternativas muito semelhantes para essa "travessia". O curioso é que Delfim, presidente do PDS e eleitor de Paulo Maluf, é um símbolo da direita; Arthur Virgílio, prefeito de Manaus, inscrito no PSB e eleitor do tucano Mário Covas, é um símbolo da jovem esquerda independente.

Delfim e Arthur Virgílio consideram a hiperinflação uma ameaça real, temem a transposição da desordem social argentina para o Brasil e acham absolutamente indispensável que haja medidas de emergência — para dar um mínimo de tranquilidade à eleição e ao início do futuro governo, qualquer que seja ele. O prefeito falou, genericamente, em "medidas tópicas, conjunturais". Delfim foi mais específico, ao defender maridesvalorização e indexação. E ambos concordaram em que a responsabilidade por essas medidas não é do Congresso, mas sim do Governo Federal.

Até a polêmica tese do parlamentarismo, que vem crescendo no Congresso, facilitou o bate-papo. A diferença fundamental, aí, é que o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento defende uma mudança no sistema de governo, já, basicamente para evitar a crise. Arthur Virgílio prefere a antecipação do plebiscito sobre a questão, de 1993 para o ano que vem, pois acha que o parlamentarismo deve ser implantado de forma gradual, menos conjuntural e mais estruturalmente — ou seja, "duradoura".

Mais tarde, já no Congresso, Arthur Virgílio elogiou "a lucidez" de Delfim e Delfim elogiou "o bom senso" de Arthur Virgílio. "Esse negócio de direita e esquerda não pega mais no Brasil. É

uma tolice, pois a ótica política pode ser diferente, mas o que prevalece é a lógica comum", disse o ex-ministro, atual presidente do PDS.

O encontro de Delfim e Arthur Virgílio é como uma fábula, cuja moral pode ser traduzida na própria manifestação do eleitorado brasileiro nas pesquisas sobre as candidaturas presidenciais. De maneira geral, pode-se dizer que Ulysses Guimarães é "reformista", Covas é "social-democrata", Luiz Ignácio Lula da Silva é "social-sindicalista", Leonel Brizola é "social-populista", Aureliano Chaves é "liberal estatizante" (se é que isto existe) e Guilherme Afif Domingos é "liberal moderno". Só que nada disso está "pegando" na consciência da massa nacional, que prefere dar mais de 40% de apoio à falta de propostas de Fernando Collor de Mello, que não se encaixa em qualquer rótulo, não é de esquerda nem de direita.

A tal "direita" já foi bastante testada como selo dos regimes militares sem voto. A tal "esquerda" está engasgada no seu discurso eleitoral — como reconhece o deputado Francisco Pinto (PMDB-BA), um autêntico esquerdista —, principalmente depois dos recentes episódios internacionais: a perestroika na União Soviética e o sério conflito na China.

A questão na sucessão, porém, é que a discussão se desviou da ideologia e caiu no extremo oposto da imagem pessoal. No meio-termo, como concordam Delfim, Arthur Virgílio e vários candidatos, está a delicada e fundamental discussão sobre os projetos para um país que jamais teve projeto nítido de desenvolvimento econômico com respaldo social. É na discussão dos vários projetos colocados no mercado eleitoral que Delfim ficará de um lado, Arthur Virgílio ficará de outro, e o eleitor dará a palavra final. "No mais, temos que exigir que um candidato, nas promessas, some dois mais dois e dê aproximadamente quatro. Se der 122, ele tem que ser reprovado", concluiu Delfim Neto.